

Caricatura do mal

Josiara Allem

Jornalista e aluna do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.

Antes de tudo, vale a pena dizer que estar em uma confortável sala de exibição para assistir a um filme nacional já é emocionante. Ver nos outros espectadores a ansiedade pelo início do filme, também.

Afinal, a seguir teremos uma exibição de 112 minutos de cinema nacional, contando nossa história mais recente, isto é, a adaptação da obra literária de Fernando Gabeira, *O que é isso companheiro?*

Eis que, é quase isso que se segue.

A história se passa nos anos de chumbo, e o tema principal é o seqüestro do embaixador americano Charles Elbrick, pelo grupo revolucionário MR-8 em conjunto com a ALN, e conseqüentemente o desfecho dos fatos e dos envolvidos naquele momento.

O que chama atenção é a explicação inicial, onde o filme apresenta a ditadura militar e a instauração do AI-5, o Ato Institucional número 5. Que para muitos dispensa explicações, mas que, talvez, não seja suficientemente esclarecedor para os mais jovens espectadores. E é justamente pensando nestes que o desenvolvimento do filme causa desconforto.

Falta mostrar que as passeatas e protestos da intelectualidade, do povo e da juventude da época não eram atitudes levianas. Eram protestos

fundamentados.

No filme isso não fica muito claro, uma vez que a participação dos jovens numa passeata, e logo a seguir, eles conversam sobre a vontade de aderir à luta armada e isso logo acontece. Tudo bem, dá para entender que é em razão da síntese necessária ao transpor a literatura para o cinema.

Achei incômodo ver aqueles jovens, que arriscaram sua juventude, por idealizarem um Brasil melhor para se viver, com democracia e coisa tal, sendo tratados ali como jovens, pequeno-burgueses rebeldes, que queriam chamar a atenção do papai ou da mamãe, e que para tal aderiram à luta armada. Para tal, eles poderiam ter simplesmente ateado fogo num índio. Quem teve parentes e/ou amigos, que participaram ativamente dos movimentos da época, sabe que a história real é bem mais real, e que os que sobreviveram às torturas carregam seqüelas, herança das sessões de terror promovidas em torno da soberania nacional.

É o torturador com crises de consciência? O pobre do torturador, que só estava fazendo o seu trabalho tem crises de insônia geradas pelo peso de sua consciência, no entanto, cumpre o seu dever, e a pancadas, liberta estas pobres crianças do domínio dos nefastos subversivos, comunistas. O torturador estava certo?

O filme leva a crer que sim, pois apresenta um líder revolucionário que é a caricatura do mal, que ao contrário do revolucionário libertador é o próprio torturador dos seus colegas de luta, extremamente frio e calculista. Bruno Barreto disse em entrevista recente que não pretendia em hipótese nenhuma



fazer um filme maniqueísta, mas fez. E o pior, ao contrário. É bem provável que pessoas saiam do filme odiando o personagem Jonas, líder dos revolucionários, que é o grande bandido do filme. Mas que na vida real morreu pisoteado numa sala de tortura qualquer. E que na verdade não fez o que o filme mostra.

Na mesma entrevista, o diretor do filme diz que era contra a ditadura militar, assim como não era simpático à luta armada, e que, afinal, daquela história não houve vencedor.

Pois bem, apresento-lhe o perdedor, que se faz presente nos 160 milhões de brasileiros que sofrem até hoje as conseqüências dos 20 anos de ditadura militar. O perdedor é este povo que nos anos de chumbo foi iludido pelos militares que massacravam os revolucionários, ou qualquer um que pensasse uma vírgula diferente deles, escondidos sob o pano do "Milagre Econômico".

Tudo bem abusar da licença poética em nome da ficção, mas o fato foi real. E ainda que em nome da síntese se permita a criação de um ou outro fato, que pelo menos ele tenha coerência com a realidade.

Num destes debates da televisão, sobre este filme, alguém falou que a revolta suscitada por esta inversão de papéis, é o medo que se tem de que a ficção passe a ser vista como verdade, o que é um risco. Pois, entre outras peripécias, a ditadura militar certificou-se da não documentação histórica do período. E de fato, parece não haver base documental sobre a história da época.

Gostei do filme, é bom e de modo geral, tudo parece estar integrado, a direção, a fotografia, o figurino, o elenco, a trilha sonora. Enfim, tudo está afinado. Fica, isto sim, a sensação de que o filme foi feito para americano ver. Até porque, de certa forma, esta história também é um pouco americana, pelo embaixador seqüestrado.

Mas, acima de tudo, a história é triste, é verdadeira (não como está no filme), e infelizmente muito mais suja e dolorida do que as imagens na tela nos mostram.

Quanto à inversão dos valores que o filme apresenta, fica a interrogação indignada: "Pô, o que é isso companheiro?".

